



### **As tragédias das “revoluções russas” que alguns historiadores esquivam**

Jorge Nóvoa

Ao tratar um tema da maior importância como o da Revolução Russa de 1917, primeira coisa que é preciso que se diga é que não cabe ao historiador a elaboração de anacronismos. A palavra anacronismo quer dizer um erro de perspectiva na utilização de uma cronologia que ocorre, por exemplo, quando o cientista social transporta uma problemática de sua época, ou de uma época anterior, superpondo-a ao fenômeno que pretende estudar. Esta prática é muito comum, mesmo em historiadores bem informados (e bem-intencionados), particularmente quando eles se acham envolvidos positivamente, ou negativamente, com os temas que abordam. Ela consiste em atribuir a uma época - ou a um personagem, ideias e sentimentos, ou uma problemática que são de outra época. O fenômeno da Revolução Russa está pleno, cheio deste fenômeno, pelo simples fato de sua importância fundamental para a história da humanidade, muito menos pelo que realizou e muito mais pelo que deixou de realizar.

Para que o fenômeno da superposição anacrônica não ocorra, é preciso que o historiador esteja bem consciente e comprometido, no ato da escrita historiográfica, a exercer a máxima de que, para tal, não existem razões de partido, nem de Estado que possam presidir seu *métier*, por mais que o seu olhar sobre o fenômeno a explicar se mostre interessado. Sem dúvida, como diria Marc Bloch, há mais semelhança entre o historiador e seu tempo, de que entre o filho e um pai de qualquer época<sup>1</sup>. Isto quer dizer, pois, que não há como escapar de uma verdadeira condição presentista, o que torna a tarefa do historiador ainda mais complexa, particularmente quando a narrativa que busca construir se acha absolutamente interessada com o futuro da humanidade. Sim, com certeza. A paixão do historiador não é apenas pelo passado. Ela se ancora no presente, porque, até mesmo inconscientemente, quer explicá-lo desnudando a gênese de seus dramas e tragédias. Contudo ninguém, nenhum historiador ou cientista social se aplica ao estudo do passado porque tem interesse apenas interesse no presente. Qualquer historiador cômico de seu ofício ele projeta uma perspectiva de futuro. Eis porque, um ponto de vista neutro será praticamente impossível. Embora, como diria o mesmo Marc Bloch, “o historiador é filho de seu tempo”, todos nós sabemos que,

---

1 BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.



para o bem e para o mal, toda época traz no seu bojo os desdobramentos futuros de suas contradições, de seus conflitos mal resolvidos ou não resolvidos.

Neste sentido, talvez o mais correto seja admitir certa inevitabilidade de certa subjetividade (na busca da objetividade pelo historiador, na sua tentativa de construir uma representação do passado que ainda não acabou, que ainda está presente no presente histórico e que pesa sobre ele, de um modo ou de outro) e procurar exercer o "compromisso ético assumido" de autocontrole crítico permanente. Eis porque não existe historiografia científica possível sem aplicar o método da dúvida permanente. O esforço de uma pesquisa honesta exige, portanto, compreender e explicar os fenômenos, sem procurar produzir conhecimento com o objetivo de "tirar proveito pessoal", ou corporativo. A história como ciência não deveria buscar justificar esta ou aquela posição política, vez que seu objetivo é a captura dos processos sociais reais, sejam quais forem suas características, seus sentidos e doa a quem doer ou alegre a quem quer que seja.

Estamos, pois, no ponto de partida, diante de uma contradição em termos, quando se quer produzir conhecimento histórico. É necessário, de um lado, o esforço na construção de um olhar o mais objetivo, o menos subjetivista possível. De outro lado, somos obrigados a constatar a impossibilidade de o historiador chegar "ascetizado" de suas vivências e leituras, de sua formação onto e filo biográficas, ao estudo da história. Diante da totalidade dos processos históricos somos colocados, logo de saída, diante da necessidade de considerar as múltiplas determinações do processo causal que desemboca no fato, concreto, real e ao mesmo tempo, diante da impossibilidade de tratar - de um só golpe como pretendeu Jules Michelet -, de todas as determinações, de todas as mediações. Somos obrigados a reduzir a totalidade processual da história a uma "totalidade construída" de modo metodologicamente cognoscível.

Contudo, para aquele que quer elaborar conhecimento histórico não pode existir lugar para uma ética que "legitime uma representação do passado" mais ou menos distante, de modo conscientemente falso, parcial, "partidário" ou enviesado, com o objetivo de atender aos seus "desejos" pessoais ou partidários, ou justificar uma determinada posição política ou mesmo científica. Isto mesmo: não é a sustentação de uma posição política ou científica que preside a investigação de um determinado fenômeno. É sim, a curiosidade, o interesse, a necessidade de atender a uma demanda social, mas também pessoal e o compromisso ético, consigo mesmo (e com a necessidade e o desejo social de conhecer), de elaborar um conhecimento o mais fidedigno possível, para alcançar o máximo de verossimilhança



necessária. Aquilo que em ciências sociais – mas também em ciências naturais, denominamos de objetividade científica é o resultado dessa dialética entre o necessário e o possível, entre o particular e o geral, entre a totalidade do processo histórico e a parte fenomênica que se quer apreender, compreender, explicar, enfim, a dialética entre a fidedignidade e a verossimilhança na representação historiográfica de um acontecimento e de sua problemática. Portanto, se estamos em condições de visualizar os limites do positivismo nas ciências sociais e na história (que é também uma ciência social), estamos também em condições de recusar os relativismos absolutos.

Assim, se nossa démarche lógico-dedutiva está correta, é preciso considerar os fatos históricos como Fevereiro e Outubro de 1917, a parte de uma totalidade, ou uma “totalidade mais reduzida” de um processo que inclui a constituição do capitalismo na Rússia, das sobrevivências feudais desta região do planeta, mas também da coexistência com todas as formas de relações sociais e de modos de produção que não as anteriormente citadas, como o comunitarismo agrário ou dos camponeses livres, mas também, como a própria escravidão. Esta mesma totalidade processual continha a sobrevivência de uma monarquia absolutista fruto da dominação da Dinastia dos Romanov que foi obrigada a introduzir a partir da Revolução de 1905-06, elementos importantes de um constitucionalismo parlamentar. Tudo isso contido por um processo de mundialização do capital oriundo da Revolução Comercial e Industrial, das revoluções modernas (a inglesa, a estadunidense, mas particularmente a francesa de 1789) que, finalmente, não é outra coisa senão o processo de constituição da modernidade com todas as suas heterogeneidades, imperfeições, conflitos e contradições, mas também tudo que constituiu o progresso nos mais diversos domínios.

A construção de um olhar histórico semelhante, nos permite constatar que vivemos, provavelmente, o momento mais dramático ou, talvez, trágico, em relação à sobrevivência do planeta e das espécies que vivem na terra sob o jugo do capitalismo neoliberal, com todas as suas misérias, desgraças, destruições, etc. Quando a juventude e os idosos, mas de fato, quando todos se preocupam com o futuro que o capitalismo neoliberal mundializado reserva à vida no planeta – e não somente a do animal homem, somos obrigados a constatar que não apenas os liberais de direita e de centro direita, mas também a esquerda (comunista e/ou socialdemocrata) têm uma responsabilidade muito grande em relação a este futuro que até o presente momento foi roubado, particularmente à juventude pela aplicação das políticas do receituário de austeridade supostamente para combater o



déficit público dos Estados no mundo inteiro. É possível afirmar que esse futuro, que o futuro da natureza e de todas as espécies que vivem no planeta, têm seu futuro bloqueado pela dominação oligárquico financeira como a categoria dominante da unidade de contrários que é o capital.

### **Subjetivismo e anacronismos sobre 1917**

É, pois, forçoso constatar que, há aqueles que mais ou menos conscientemente não se dão ao trabalho de se pautar de um ponto de vista ético e metodológico semelhante ao que prognosticamos, admitindo um grau relativo de subjetividade ao trabalho do historiador e do cientista social na busca por ser objetivo e fazer coincidir - o mais possível, sua representação do processo histórico com aquilo que de fato aconteceu. Ou seja, admitir a subjetividade do movimento consciente que busca a cognoscibilidade não é, de forma alguma, considerar o subjetivismo inevitável. Aceitar a inevitabilidade da condição subjetiva da produção do conhecimento, não é o mesmo que colocar um traço de igualdade entre subjetivo e subjetivismo.

Tentado criar um embrião de cartografia capaz de orientar-nos na busca por explicar as contradições de 1917, pode-se dizer que, grosso modo, existem duas posições fundamentais em relação às Revoluções Russas de 1917: a daqueles que são contra a Revolução, não raro, contra todas as revoluções da história - como se fosse possível ao historiador simplesmente ser contra um movimento da própria história; imaginemos um físico que se diz contrário à lei da gravidade ou um biólogo que se coloca contra a seleção natural, ou um estudioso da psicologia humana e animal que se recusa a admitir uma instância inconsciente no psiquismo -, e a daqueles que são a favor dela do começo ao fim. Aqui surge de imediato um problema importante: o grosso desses dois grupos só enxerga uma única revolução, a Bolchevique de outubro de 1917, com a tomada do poder pelos bolcheviques em outubro. Mas forçoso é de constatar que no interior da Revolução de 1917 existem várias revoluções, golpes e contrarrevoluções. Orientando aqueles historiadores que se colocam a favor, existem os que defendem os bolcheviques em bloco e do começo ao fim. Porém aparece uma divisão importante: os que defendem mais à Lenin e a Stálin como continuador de uma suposta "política possível", uma "política realista do bom senso", herdeira da "genialidade de Lenin", opondo-se àquela tendência historiográfica que defende ou simpatiza, sobretudo, com uma visão legitimadora das posições Lenin ou ainda com uma posição teórica fundada na ideia de Trotsky continuador original da política anti-burocrática e internacionalista de



Lenin redimido pelas famosas “Teses de Abril”, através das quais o idealizador da NEP (Nova Política Econômica que restaura a economia de mercado controlada pelo Estado soviético) teria salvado a revolução do isolamento internacional, da fome, das potências estrangeiras e da reação branca interna à Rússia, dos partidários do Ancien Régime. Para todos eles, Outubro de 1917 foi um processo liderado e realizado pelos operários e pelos militantes bolcheviques com a ajuda dos soldados ganhos à causa de Lenin.

Aqui temos um problema-chave e maior da interpretação da natureza da referida Revolução: a revolução iniciada por uma **GREVE CONTRA A FOME** no dia **08 DE MARÇO** (no nosso calendário) e no dia **23 de fevereiro** (no calendário russo) foi feita a partir de uma manifestação cujos participantes se compuseram na maioria por mulheres e soldados (mães e esposas de outros soldados ainda no front), na sua esmagadora maioria integrantes do campesinato russo. Queriam, sobretudo, o fim da Guerra, além de pão, paz, trabalho e liberdade. Ao examinar-se as fotos e filmes das manifestações de então, fica visível que os operários não estariam nelas. À esta constatação, o historiador Marc Ferro, a partir de documentos escritos e dos arquivos de Moscou, mas também de documentos fílmicos ou de fotografias examinadas nos anos 1960 para a realização de sua tese de doutorado, abre um flanco importante na renovação da leitura, da pesquisa e da interpretação de 1917. Ele conseguiu localizar que os operários permaneceram nas fábricas, ocupando-as. Em sua longa pesquisa sobre a Rússia, que começa com sua tese publicada em 1967, *A Revolução de 1917*, ele evita os extremos e desconfia dos mitos.<sup>1</sup> Ele também critica os documentos oficiais e a história oficial. Usa as imagens como documento, mas é também o historiador do confronto constante de fontes e vários testemunhos, como evidenciado por sua obsessão com a história da Rússia. Em 2013, ele finalmente publicou o resultado de sua pesquisa na qual realiza uma desconstrução iconoclástica de um mito da Revolução de 1917. Ele nunca acreditou no fusilamento de toda a família do czar Nicolau II, algo que ele já havia anunciado em um livro de 1990.<sup>2</sup> Em 2013, depois de reunir mais documentos, ele publicou um novo livro no qual ele pôde apoiar a hipótese de que

---

1 FERRO, Marc. *La révolution de 1917*. Paris, Albin Michel, 1997, ainsi que *Des Soviets au communisme bureaucratique*, Paris, Gallimard, collection « Archives », 1980 et *Naissance et effondrement du régime communiste en Russie*. Paris, Librairie Générale Française, 1997.

2 Idem, *Nicolas II*, Paris, Payot, 1990.



as meninas e a czarina não foram mortas, graças a um acordo secreto entre os bolcheviques e as autoridades alemãs<sup>1</sup>.

Marc Ferro distancia-se das leituras que vêem a Revolução tomar a forma de "totalitarismo" desde o início. A democracia emerge, é verdade, na luta, mas também a burocracia. Ambas estão em luta desde o início. A burocracia aparece "como uma forma de luta que as instituições se engajam para adquirir hegemonia".

Partido político, soviets de deputados, comitês de fábrica ou comissões distritais também são adequados. (...). Entre fevereiro e outubro, a burocratização de cima para baixo ou de baixo para cima visa impedir o estouro da representação da identidade de classe; fortalece o controle dos partidos políticos, a única instituição que tem existência real em fevereiro, nos soviets de deputados; e a dos soviets de deputados sobre cidadãos que procurariam se organizar de acordo com outras normas (idade, sexo, nacionalidade, etc.).

O fenômeno da dupla burocratização permite ver o nascimento de um novo grupo social em sua fusão (...): em 1917, ele ainda não está totalmente formado, mas a maioria de seus elementos constituintes está no lugar<sup>2</sup>.

Ferro vê o processo revolucionário, dominado pelo movimento de bolchevização de todas as instituições e da sociedade. Uma vez que ex-funcionários do Estado são expulsos, uma espécie de plebeização do poder acontece por meio do "recrutamento" de "representantes" de camponeses e soldados que logo se transformam em burocratas. Ou seja, a burocratização do Partido, do Estado e da sociedade, também acontece nos comitês populares. Será realizada a partir do topo, mas também de baixo para cima o que relativiza mais ou menos, ao mesmo tempo, análises como a de Castoriadis ou como aqueles que vêem um processo de burocratização promovido exclusivamente pelo aparelho dominado pelos seguidores do estalinismo da década de 1920. Ferro critica a teoria trotskista de que início da "subversão do regime remonta ao tempo de Stalin". Em sua opinião, a democracia no Partido dura muito pouco, entre fevereiro e outubro.

Segundo ele, Lenin tomou para seu partido e "assumiu o que o poder popular realizava" por sua própria conta. Da mesma forma, ele nega que os bolcheviques possam ser responsabilizados por tudo o que aconteceu desde 1917. De fato, "o abandono dos valores propriamente socialistas (retorno à família

---

1 Dos eventos que cercam a documentação, talvez o mais importante foi o diário de Olga Romanov de 1950, intitulado *Eu estou viva*, bem como os diálogos com uma colega norte-americana, Marie Stravlo, também foram introduzidos no livro. Entrevista n.2 a Marc Ferro que realizamos no escritório de sua casa em Saint-Germain-en Laye, datada de 04 de setembro de 2013, com a participação de Soleni Biscouto Fressato. Veja o mais recente livro Marc Ferro, *A verdade sobre a tragédia dos Romanov*, Paris, Tallandier, 2013.

2 FERRO, *La révolution de 1917*, op. cit., p. 765.



tradicional, patriotismo, grande russo, anti-semitismo" , ao academicismo na arte, etc.) "é a expressão da" plebianização do poder (e da sociedade) e não da ideologia dos quadros bolcheviques originais que se autodestruam ". Se é difícil aqui não considerar outros autores, devemos também analisar a tese de Ferro examinando a dialética dessas duas condições.

Na verdade, a verdadeira revolução camponesa colocou-se em marcha arrastando os operários. Estes constituíam no máximo 3 milhões de indivíduos, muito dos quais também de origem camponesa. O grosso desses operários passou a ocupar as fábricas e permaneceram nelas por duas razões: para defendê-las dos antigos proprietários, mas também para defendê-las, após fevereiro de 1917, dos próprios bolcheviques que queriam expropriá-las para o controle absoluto do Estado soviético, o que de fato acabou acontecendo. Aliás, processo idêntico acontecerá mais tarde com a política imposta por Stalin de coletivização forçada das terras dos camponeses, não só dos koulaks (camponeses ricos), mas também dos moujiks (camponeses pobres), no início dos anos 1930, a pretexto de que também os pequenos camponeses que se revoltavam contra as requisições das colheitas pelo Estado, e que por isto foram considerados antirrevolucionários pequeno-burgueses, sabotadores da construção da URSS.

Em Outubro de 1917, a palavra de ordem "todo poder aos soviets", caiu rapidamente em um vazio propagandístico. Contudo, foi exatamente com esta palavra de ordem que os bolcheviques tomaram o poder:

Nestes "soviets" ou "conselhos" poder-se-ia ver a quintessência da instituição comunista que assegura ao maior número de trabalhadores e camponeses o poder efetivo, de uma só vez, **legislativo e executivo**. (...) O chamado poder "soviético", que foi construído durante o curso do século XX, foi um poder não apenas não soviético, mas perfeitamente anti-soviético, se quisermos dar à palavra "soviet" seu significado autêntico (FERRO, Marc. 1917).

Não resta sombra de dúvida de que ainda hoje, os defensores da REAL POLITIK irão sustentar a ideia de que tal concepção dos "conselhos", dos "soviets", constituía, na verdade, uma grande utopia e que o processo de burocratização, é, de fato, inevitável. Existem mesmo aqueles que defendem a sua absoluta necessidade, negando qualquer caráter transitório para tal fenômeno histórico ou social, e aqueles mais radicais que a consideram uma necessidade. Junto a esta perspectiva a palavra "utopia" é degenerada completamente de seu significado original e passa a significar algo quimérico, inalcançável, na melhor das hipóteses, destituindo de legitimidade qualquer movimento auto regulador, autonomista, libertário! Por essa via conseguem, no seu oposto, mesmo a posteriori, legitimar a



violência totalitária utilizada pelo Estado burocrático estalinista, como um mal necessário.

### **O caráter camponês de 1917 e a consideração política acordado a ele**

Em 1913 a Rússia tinha 170 milhões de pessoas (70% viviam na Rússia da Europa), 100 grupos étnicos que viviam em território russo, sendo que estes representavam 45% do total da população. O Império Russo não era, portanto, um Estado-nação e sim, um Estado imperial multiétnico. Nos finais do século XIX, ela já possuía uma industrialização com 10 mil operários, tendo chegado a 1913 com 3 milhões de assalariados industriais. Mesmo considerando a total concentração dos mesmos nas grandes cidades, eles não conseguiam ter o mesmo peso do pequeno camponês russo em relação ao qual se dizia, quase como uma palavra de ordem repetida inclusive pela igreja e pela nobreza, "se o camponês russo morre, quem alimentará o povo e o czar"? Os soldados foram um motor extraordinário de todo o processo que desemboca na derrubada da Dinastia dos Romanov. Como os camponeses de origem constituíam mais de 90% do exército czarista e como eles – e como suas famílias sofriam os efeitos dela na retaguarda da Guerra 1914-1918; tiveram 1 milhão de mortos logo no primeiro ano das beligerâncias diante do exército alemão –, suportando, ao mesmo tempo, os efeitos do frio e da fome no campo onde suas famílias os esperavam de volta, foi inevitável a revolta camponesa prevista inclusive pelo "bruxo" Rasputin que havia recomendado a Nicolau II não entrar na Guerra.

Com relação a importância dos camponeses russos o processo da Revolução de 1917 – coisa reconhecida, portanto, pelos próprios bolcheviques –, eles instituíram brigadas visando de melhor administrar a produção agrícola, controlando-as, assim como sua distribuição. Entretanto, desde cedo aparece o **problema das requisições forçadas** sob alegação de que se deveria fazer pagar aos koulaks que sabotavam a revolução em curso. Com a generalização desta política instituída e legitimada pelo poder centralizado do partido-Estado, nos finais dos anos 1920, irá produzir, juntamente com o frio, a repressão generalizada, a morte de algo em torno de 20 milhões de "cidadãos soviéticos", o que constitui o maior genocídio perpetrado por um Estado ao seu próprio povo em tempo onde reinava a calma social.

Na verdade, a centralidade e a importância do papel do campesinato e de seu peso para caracterizar o processo que culmina com as transformações políticas de 1917, foi sempre subestimada pela maior parte, não apenas dos intérpretes





“oficiais” do regime, mas também pelas correntes de historiadores mais ou menos simpatizantes da oposição de esquerda ou aqueles que traduziam as posições trotskistas em relação a esses eventos. Diga-se de passagem, que isto é coisa paradoxal, no caso destas últimas correntes, porque Trotsky defendeu a aliança com os camponeses sob a liderança operária, é certo, considerando-os estrategicamente sob a liderança operária. Estes não justificaram a política de coletivização forçada empreendida sob Stalin. De outra parte, os historiadores e cientistas sociais que procuraram dar sustentação à posteriori à política de estalinista que domina definitivamente o PCUS a partir de 1926, não apenas defenderam a necessidade das coletivizações forçadas, como ainda sem nenhum pejo, transformaram Stalin no grande corifeu de uma suposta defesa dos camponeses de todo o mundo.

Do ponto de vista político, é preciso que não esqueçamos que em janeiro de 1918 foi organizada a eleição para a Assembleia Constituinte. O resultado dessas eleições deu ao Partido Socialista Camponês mais de 80% das cadeiras de deputados. Por que os historiadores que defendem e justificam, ainda hoje, a política de Lenin e do Comitê Central de seu Partido, às vésperas de Outubro de 1917, quando ocorreu o Congresso dos Sovietes que indicava a importância assumida pelos camponeses, que foi mais uma vez confirmada na Assembleia Constituinte, não conseguem admitir a hipótese de que ocorreu um grave erro na decisão dos bolcheviques quando decidem fechar a referida Assembleia numa situação política na qual se torna incontornável e decisiva em relação a importância e ao peso estratégico que os camponeses haviam assumido: eles não poderiam mais ser considerados apenas como coadjuvantes. Porém, não foi apenas uma questão de fazer a realidade, o processo social, entrar na teoria, quando deveria ser o contrário. O que estava em jogo era a ideia de que o Partido Bolchevique era o verdadeiro, o legítimo e o infalível representante do povo e que os operários encarnavam a imanência natural da superação das classes sociais. Os camponeses foram considerados nessa teoria como pequenos burgueses que teriam sempre a aspiração de proprietários enquanto que os operários só tinham unicamente sua força de trabalho e não detinham meios materiais de produção.

Segundo a referida tese - que entra em conflito com as observações de Marx sobre os camponeses russos e suas comunas agrárias, no final da vida -, a Assembleia Constituinte de janeiro de 1918 e seus representantes deveriam ter suas vozes cassadas. Os bolcheviques ficaram em total minoria, da mesma forma que no Congresso dos Sovietes de 1917. Se neste último, através de muita habilidade política eles conseguiram colocar seus militantes em suas direções, no



caso da Assembleia Constituinte, a direção bolchevique decidiu sufocá-la usando dos soviets como um dos argumentos, exatamente, a conquista da direção dos soviets. Se detinham a direção deles haveria necessidade da multiplicação de organismos de poder político? Por que intérpretes que se reportam àqueles acontecimentos e, muitas vezes, citam personalidades muito importantes como, por exemplo, Rosa Luxemburgo e Antônio Gramsci, não admitem sequer a hipótese de equívoco, como se estes últimos não tivessem feito, como puderam, oposição a esta política, prognosticando como consequência lógica de tais medidas a supressão da liberdade de expressão e o esvaziamento da política propriamente soviética junto e das massas populares, o que, de fato, termina se concretizando? Figuram outras, mais à esquerda, talvez, como Victor Serge<sup>1</sup> ou Anton Pannekoek, Karl Korsch, Otto Rühle<sup>2</sup>, assinalaram em tempo críticas incontornáveis à forma como estava sendo empreendida a política dos bolcheviques naquele tempo. Outras ainda, mais à "direita", como Karl Kautsky<sup>3</sup> - que foi duramente estigmatizado pela intolerância do debate e das polêmicas políticas, formador e herdeiro da II Internacional -, também assinalaram em tempo, importantes críticas ao superpoder bolchevique. É certo que, Kautsky realizou também concessões importantes a Eduard Bernstein (que se tornou o líder e teórico máximo da socialdemocracia alemã) e junto a outros alemães, russos e austríacos, ajudou a transformar a crítica do valor, da economia política e da alienação, numa doutrina e numa ideologia religiosa à qual se denominou de "marxismo". Que aqueles homens, mesmo os mais bem intencionados, imersos em disputas - nas quais as vaidades pessoais e a sede de poder não estavam ausentes - tenham passado batidos em relação às consequências de uma concepção de "democracia" do pequeno Comitê Central do Partido Bolchevique (e depois do PCUS) que se torna o cérebro que controla o Estado, a burocracia e o conjunto da sociedade, é mais ou menos explicável. Não adianta utilizar argumentos que retomam as "imensas dificuldades do período". É preciso colocar ao lado delas a questão a saber, como construir uma verdadeira democracia, no sentido etimológico da palavra, em meio a tais circunstâncias? A

---

<sup>1</sup>Sobre Victor Serge, ler para informação geral: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Victor\\_Serge](https://fr.wikipedia.org/wiki/Victor_Serge) e suas memórias publicada pela Companhia das Letras em 1987.

<sup>2</sup> Paul Mattick. Biographies de Otto Rühle, Anton Pannekoek, Karl Korsch. In [https://jugurtha.noblogs.org/files/2018/02/mattick\\_new.pdf](https://jugurtha.noblogs.org/files/2018/02/mattick_new.pdf). Ver também, [https://spartacus.atheles.org/fic/2236/lire\\_les\\_conseils\\_ouvriers.pdf](https://spartacus.atheles.org/fic/2236/lire_les_conseils_ouvriers.pdf).

<sup>3</sup> Ver de sua própria pena a crítica que ele faz à Rosa Luxemburgo, assinalando, contudo, sua intransigente defesa da democracia: [https://www.marxists.org/francais/kautsky/works/1922/00/kautsky\\_19220000.htm](https://www.marxists.org/francais/kautsky/works/1922/00/kautsky_19220000.htm)



busca do monopólio e do controle centralizado foram realmente inevitáveis ou atenderam à lógica de dominação do partido que supostamente encarnava as possibilidades teleológicas para um futuro que ainda deveria durar uma eternidade para quem necessitava se emancipar imediatamente? Não estaria ocorrendo, antes do tempo, a ação de certo oportunismo burocrático em alguma medida já contida numa concepção que coloca o partido político como a encarnação estratégica da emancipação e o Estado, e por conseguinte, sua burocracia, de um mal inevitável em uma lógica necessária a administração da crise eterna?

### **Hipóteses para as novas pesquisas**

É possível, é necessário, pensar a problemática que Möishe Postone<sup>1</sup> denominou de "keynesianismo de esquerda". A experiência da instauração da URSS não realizou nenhum socialismo, nem poderia. Toda a discussão sobre o caráter da URSS (socialismo de transição, estado operário burocratizado, capitalismo de Estado, totalitarismo burocrático) mostra a resistência na aceitação de algo deduzido pelo próprio Marx no século XIX. Se Marx foi o primeiro a sustentar a ideia de que o socialismo, por definição, não seria possível ser realizado em um único país, há quem sustente que - na já célebre conferência dedicada a Associação Internacional dos Trabalhadores no processo de sua fundação -, Marx parece ter alimentado a ideia de que sem um partido seria impossível a emancipação da classe trabalhadora e sua transição para uma forma partilhado de produção e administração da riqueza do planeta! Estaria aí um dos germes da origem do marxismo? Seria Marx o responsável pela formulação que será desenvolvida pelos bolcheviques e por boa parte da esquerda ao longo do século XX? No caso de Marx, talvez o máximo que se possa dizer - levando em consideração o fato de que ele se adiantou o quanto pôde e com grande sucesso em muitos aspectos -, é que, além da juventude a partir da qual ele examinava pioneiramente a questão da transição, existe o fato de que ele não resolveu, nem poderia ter resolvido, toda as questões que o seu tempo colocou, nem as que ele mesmo conseguiu formular de modo claro e explícito. Seu pensamento, em relação a várias questões, permaneceu embrionário, inconcluso, conflitante e, até mesmo, contraditório. Neste sentido como ateu e laico, Marx sempre recusou em vida a transformação de seu

---

<sup>1</sup> POSTONE, Möishe. *Tempo, trabalho e dominação social*. São Paulo, Boitempo, 2014. Ver também, Paul Mattick, *Marx et Keynes : Les limites de l'économie mixte*. Paris, Éditions Gallimard, 2010



pensamento em doutrina, mas como um processo em eterna elaboração.<sup>1</sup> De qualquer modo, é possível dizer também que ele se guardou de formular muito sobre um futuro impossível de prever e em relação ao qual só pôde esboçar alguns princípios e tatear a partir da experiência concreta que se desenvolvia a partir da própria história. A questão da democracia em 1848 permanece chave, assim como em 1871. Seu estudo sobre a Rússia é demonstrativo de seu esforço para entender de qual transição poder-se-ia clarear alguns contornos. Contudo, no caso de 1917 de qual transição se estaria falando se for considerado o patamar de desenvolvimento das forças produtivas bem abaixo daquelas da economia mundial da época? Que socialismo seria este que haveria de transformar o partido e o Estado em seu **deus ex machina**, em um fim em si mesmo? Como seria possível superar o Estado-capital numa formação social "isolada" e no qual a democracia havia sido suprimida em nome da superação das misérias (fome, frio, doenças, desamparo social, emprego, paz, educação, habitação, etc...) da antiga sociedade? O Partido Bolchevique que queria ser o legítimo intérprete de Marx e o mais correto cientificamente portador das soluções daquela formação social em seu tempo, não seria ele muito mais um seguidor da "elite esclarecida" e sábia de Platão? Não foi o próprio Lenin quem formulou a teoria de que o povo só poderia se mobilizar e aspirar a resolver suas questões mais imediatas (trabalhar, comer, habitar, vestir), aspirações, portanto, trade unionistas? Não foi Lenin o maior formulador da necessidade do Príncipe de Machiavel que viria de fora da classe trabalhadora trazer a consciência social emancipadora? Seriam essas tarefas que configurariam um verdadeiro socialismo? não seria mais correto considera-las tarefas que, uma vez realizadas, igualariam tal formação social, do ponto de vista econômico e social, às sociedades mais avançadas ocidentais, inclusive, na melhor das hipóteses em relação às formas reduzidas da democracia formal e representativa (coisa que não aconteceu na URSS) que estas poderiam alcançar? Marx, nas palavras endereçadas à Associação Internacional dos Trabalhadores, prognosticou que "a emancipação da classe trabalhadora só poderia ser obra dela mesma".

Outubro de 1917 não deu lugar a nenhum socialismo. As dificuldades inerentes à impossibilidade de realização do "socialismo em um único país" – inclusive por conta da impossibilidade de realizar a abstração do mercado mundial – foram, entretanto, abordadas por várias gerações de historiadores e cientistas sociais apenas como "circunstanciais", como "contingenciais" e não como Marx havia questionado, não a partir das contingências conjunturais apenas, porém também a

---

1 COLLIN, Denis. *Compreender Marx*. Rio de Janeiro, Vozes, 2010.



partir das mundialização estrutural e orgânica que o desenvolvimento do capitalismo havia assumido. A **industrialização acelerada** e a **coletivização forçada das terras** – com todas as tragédias que encerraram, foram assumidas por grande parte da sociedade da URSS como meios verdadeiros - dolorosos mais verdadeiros - , para a realização do “paraíso na terra”, porque foi assim que foram massificadas pela propaganda do partido-Estado. Entretanto, passado tanto tempo, inclusive com a Queda do Muro de Berlim, com o desabamento da URSS e aquilo que foi absurdamente denominado de “socialismo real”, é muito mais difícil de explicar aos 7 bilhões de pessoas comuns, o por quê um tal suposto “socialismo” seria melhor que a “democracia” ocidental, com todos os problemas que ela comporta.

Para alguns cientistas sociais e historiadores, é no mínimo estranho, que boa parte das novas gerações de historiadores e cientistas sociais ainda não considerem cientificamente - e segundo o rigor de uma historiografia que deveria buscar uma explicação científica para as tragédias de 1917 -, não reconsiderem tais momentos relativizando-os sem anacronismos, sem as repetições dos velhos standards explicativos. Quando pensamos que existem ainda pensadores inteligentes - e bem-intencionados como Dominico Losurdo<sup>1</sup> -, que tentam recuperar e salvar a burocracia soviética e seu corifeu quando sabemos que um tal “socialismo” considerava necessário a manipulação da história e do povo, podemos ter ideia da real dificuldade que significa compreender tal processo. Uma hipótese para o caso de Losurdo deve levar em conta que seu cálculo é, sobretudo, apostar na decadência dos EUA, na verdadeira ilusão de que a burocracia capitalista da China expressa a forma mais inteligente e possível de criar uma “sociedade de homens emancipados e autogovernados”. Não obstante, como considerar as contradições que o “desenvolvimento” da sociedade chinesa comporta em destruição natural e humana e em negação de uma verdadeira democracia? Na verdade, trata-se quase do pressuposto de que o povo chinês, igual que o povo soviético até Gorbachev, não necessita de democracia. Esta é uma palavra luxuosa da cabeça de intelectuais que não entendem nada do pragmatismo da política.

Se pudessemos buscar um guia, um modelo, para procurar sair do círculo vicioso que gira em torno das interpretações clássicas das revoluções de 1917, tomaríamos como um dos exemplos, a obra do historiador alemão Oskar Anweiler. Ela tornou-se conhecida de um certo número de intérpretes - como o clássico livro de Marc Ferro intitulado simplesmente *1917* -, nos anos 1970, vez que **sua**

---

<sup>1</sup> LOSURDO, Domenico. *Stalin. História crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro, Revan, 2011.



**pesquisa e reflexão disloca o olhar da perspectiva do Partido Bolchevique e procura orientá-lo a partir dos organismos democráticos como foi o caso dos soviets ou conselhos populares, como organismos originários de um autêntico poder democrático.**

A originalidade e a força de sua obra máxima subsiste até hoje<sup>1</sup>. É difícil de entender o porquê de os “novos” intérpretes da esperança emancipatória na Rússia de 1917, não conseguirem enxergar tal processo a partir dessa perspectiva, quer dizer, aquela dos conselhos. Se a Revolução Russa já foi estudada a partir do ângulo dos partidos políticos, dos sindicatos, do Estado, da economia, da pressão interna dos contra-revolucionários brancos, das invasões estrangeiras, por que até agora os “novos” leitores de tal processos históricos não se debruçaram sobre os soviets? Seria por que ele é o principal organismos vivo de uma real e verdadeira democracia emancipatória? Os colecionadores de citações que se referem a Gramsci esquecem-se de considerar que para o pensador italiano, não se deve considerar o interlocutor necessariamente como um “criminoso” ao qual se deve condenar por princípio, vez que ele pode revelar aspectos que não se viu e que podem ser subordinados na construção de uma teoria mais geral. Tal postura é uma questão de método científico, mas é também uma questão de ética política e de vida, como o concebia Rosa Luxemburgo em sua crítica aos bolcheviques e às tragédias das quais foram protagonistas. Para ela, “a liberdade é sempre a liberdade do outro de pensar diferentemente” e isso exigia que desde logo, no processo de transição para uma sociedade pós-czaristas que ela fosse sendo construída, não como uma promessa teleológica. Pensar a urgência da democracia, pensar as camadas populares e o conjunto da maioria da sociedade como homens e mulheres, não como massa de manobras políticas de grupos, de partidos, mas como seres que precisam aprender a se autogovernar, é, ao mesmo tempo, um critério científico, pois, para a renovação dos estudos sobre 1917, no lugar de se ficar repetindo *ad nauseam* o argumento da **razão já estabelecida** como princípio e como prática, e além da prática científica, histórica, aquela política, ainda hoje, mais de cem anos depois de tudo aquilo, é a única forma anti-anacrônica de se pensar aquele passado e de se abrir uma alternativa à mundialização da democracia.

---

1 ANWEILER, Oskar. *Les Soviets en Russie (1905 – 1921)*. Gallimard, 1997. Outra obra importante para a renovação dos estudos sobre 1917 é a de RABINOWITCH, Alexander. *Les bolcheviks prennent le pouvoir : La révolution de 1917 à Petrograd*. Paris, La Fabrique, 2016. Para um estudo da historiografia referir-se-á à pequena e densa obra de AUNOBLE, Éric. *La Révolution russe, une histoire française. Lectures et représentations depuis 1917*. Paris, La Découverte, 2016.



Essa política de « desconhecimento » do desejo do conjunto da população e de sua expressão nos conselhos, irá terminar culminando com o massacre dos Marinheiros de Kronstadt em 1921 que o próprio Trotsky Presidente do Soviet de Petrogrado em 1905 comandará, quando ele mesmo disse que “aqueles marinheiros constituíam fina flor da Revolução de Outubro de 1917”. Uma das poucas exceções desta tradição se constituiu na obra do historiador Jean-Jacques Marie que não faz concessões ao antigo Presidente do Soviet de Petrogrado e ao também historiador da revolução de 1917. Com seu livro sobre Kronstadt, Marie inaugura uma clareira para se tentar enxergar claro sobre aqueles trágicos acontecimentos. Uma questão que não quer calar - para alguns historiadores -, indaga: foi necessário aquele massacre? Deixar os Marinheiros de Kronstadt senhores da Fortaleza (da cidade portuária de Kronstadt) do mesmo nome situada na Ilha de Kontlin no Golfo da Filândia que administravam de modo comum e através de seu Conselho de autogestão, não poderia ter sido um ganho positivo para as esperanças de 1917? Em 1º de março de 1921, 15.000 marinheiros e soldados de Kronstadt se colocaram contra o Governo Central do Conselho dos Comissários do Povo. Eles também eram todos de origem camponeses e se solidarizaram, dentre outras coisas, contra as requisições de alimentos para as cidades exigido pelo Exército Vermelho, é certo, mergulhado numa guerra civil que destruiu ainda mais a URSS. Através de uma auto-organização e uma auto-gestão comum, eles questionaram o poder político do partido Comunista e exigiram uma mudança imediata da forma de constituição de representações para os soviets. A Revolta durou 17 longos dias que custuram ao Exército Vermelho pesadíssimas perdas absurdamente “desnecessárias”. As interpretações permanecem até hoje contraditórias. Alguns tentam desqualificá-la como o resultado de manipulação monarquista para derrubar a Revolução. Mas foram, de fato, contra o “comunismo de guerra” e anti-burocrática. A importância do livro de Jacques Marie é oriunda da utilização de documentos inéditos e que não permitem mais a repetição dos mesmos argumentos. Não há como repetir velhos argumentos sem lê-lo, sem pensá-lo, sem discuti-lo.<sup>1</sup>

A concepção “substituísta” e o afã de que **se poderia fazer economia do processo de aprendizado da população no seu desejo de emancipar-se**, na arrogância de que o Partido Bolchevique e que seus militantes detinha a ciência acabada de produzir um “futuro” emancipado da servidão e da exploração, não permitiu nenhuma autocrítica profunda e geral entre 1917 e 1924 dos métodos instituídos desde a primeira hora. Se uma tal observação pode não ser válida para

---

1 MARIE, Jean-Jacques. *Kronstadt*. Paris, Fayard, 2005.



os militantes dos escalões médios e baixos do Partido e do aparelho do Estado, não poderá para aqueles dos altos escalões, vez que tais posturas que terminaram se arraigando, se cristalizando e se generalizando, atendem em várias medidas a um núcleo duro de uma burocracia nascente e produzida de modo consciente a partir de pelo menos do término da Guerra Cívil. Se os mais importantes dirigente do processo de Outubro de 1917 não eram burocratas oportunista, no final da Guerra Civil e a partir dos anos 1921 e da NEP, uma camada da burocracia se constituiu a dedo por um método de seleção instituído por aquele que será o Secretário Geral do PCUS até 1953. Ele foi o grande arquiteto da **real politik**, do **socialismo em um único país**, da **industrialização acelerada**, da **coletivização forçada das terras** dos camponeses (e não só dos kulaks), do **realismo socialista nas artes**, **os grandes expurgos dos anos 1930**, o **Pacto germano-soviético** e o **assassinato de 40 mil oficiais do Exército Vermelho às vésperas da eclosão do II Guerra Mundial**, mas sobretudo da **institucionalização do terror político** pela construção de um imenso aparelho policial que virou a espinha dorsal do PCUS e da KGB.

Stalin selecionou o núcleo duro inicial desta burocracia - como bem demonstraram alguns historiadores soviéticos, como foi o caso de Aleksandr Podtchekoldin<sup>1</sup> - e a partir daí ela passou a ter vida própria, vontade própria, uma lógica própria, que nada guardou dos ideais de igualdade, solidariedade de 1917. A burocracia, já era um fenômeno conhecido em vários países capitalistas e aparecerá na URSS com um grau de originalidade muito maior, vez que atendeu à necessidade política "urgente" de construir um aparelho de controle do resto do Partido, do Estado e de todas as instituições da sociedade nascente. A burocracia que se constitui como espinha dorsal do aparelho de Estado, terá interesses próprios distintos daqueles dos dirigentes "bem-intencionados" da primeira hora e, sobretudo, da esmagadora maioria da população em nome da qual - e através da qual, a Revolução havia sido feita. A burocracia do Partido - e do Estado dito soviético, passa a controlar, não apenas a economia, a política, a cultura, mas mais ainda, os aparelhos repressivos e as forças armadas da URSS. Neste sentido, a tragicidade das Revoluções de 1917 se acha no fato de que **os grandes dirigentes da primeira hora, com as responsabilidades de seus atos, abriram espaço**

---

<sup>1</sup> PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. *Origens dos privilégios dos apparatchiks na URSS: os novos dados da investigação histórica*. In: NÓVOA, Jorge. **A história à deriva: um balanço de fim de século**. Salvador, EDUFBA, 1993.





**para que a corrente violenta e oportunista - que constituirá o núcleo duro da burocracia do PCUS e do Estado Soviético - passe a dominar os processos reais dessa história**, mas também a elaboração da historiografia que se produz sobre estes "passado", inclusive dominando grandemente no ocidente a leitura destes.

A partir daí tudo pôde advir como **significado das palavras** "comunismo" e "soviético". O peso concreto, real e histórico que elas obtiveram no processo de evolução da URSS e da Europa do Leste, não será dissolvido com discurso sobre as "boas intenções" daqueles que na primeira hora acreditaram justo sufocar o caráter predominantemente camponês e democrático das Revoluções de 1917. Foi com o significado real das tragédias que se promoveram desde o primeiro ano e ao longo da história da URSS que adentraram na consciência e no imaginário da maior parte da população do planeta. Sem dúvida isto ocorreu com a ajuda, é claro, da grande mídia ocidental, dos historiadores conservadores e reacionários, mas também daqueles que, ainda hoje, pensam que, para reescrever a história, tanto quanto para fazer política, a verdade é um acessório desprezível e desnecessário, fruto de um suposto moralismo humanista ou pequeno-burguês, daqueles que não entendem nada da verdadeira realidade da política sob o capitalismo, nem da alma humana. Entretanto, é possível dizer que o conteúdo atribuído, tanto no oriente, como em todos os quadrantes do planeta à palavra comunismo e socialismo, reproduz o conteúdo mesmo que lhe deram os dirigentes do **comunismo burocrático de Estado** ao longo do século XX. A trágica ironia é que ele não tem nada - ou tem muito pouco, daquilo que Marx teorizou sobre um possível futuro socialista da humanidade, assim como as formas encontradas de pelos movimentos sociais para se organizarem e se governarem como aparecem em 1789, em 1830, em 1848, em 1870/71, em 1905, em 1917/18, em 1934/36, em 1953, em 1968, etc.

Não por acaso, um dos maiores problemas que o Governo de Putin teve, foi como "celebrar" 1917, vez que a força deste evento histórico se impõe por ela mesma. Diante da impossibilidade de contornar o problema, a burocracia-capitalista oligárquica e financeira que dirige a Rússia de hoje, preferiu celebrar os 300 ANOS DA DINASTIA DOS ROMANOV (o Grande Império Russo, o maior da face da terra, as Guerras Santas e Patrióticas de 1914/18 e de 1939/45, mas também o fausto das cortes da aristocracia e da nobreza russa, os cadetes militares e seus superiores, mas sem, contudo, conseguir explicar à população - particularmente no caso de Putin que ficou várias décadas à frente da KGB, integrando portanto, a burocracia



soviética – como foi possível a estes homens se transformaram da noite para o dia, em capitalistas, assim como aquilo a que chamavam de comunismo e a um Estado ao qual denominavam de soviético, em um Estado capitalista. Por que os antigos dirigentes da dita burocracia passaram a ocupar facilmente os postos de direção no atual Estado, em seus governos e em sua estrutura econômica e financeira? Putin, ele mesmo, tornou-se Presidente constituindo-se quase em um monarca. Não por acaso os arquivos documentais da KGB guardam ainda, a maior parte de suas seções fechadas a sete chaves, se é que serão preservados e totalmente abertos algum dia. Não há como esconder o terror que foi produzido não apenas por Stalin. Putin, a seu modo, governa a Rússia com mão de ferro. Persegue opositores, prende-os, e é acusado por seus agentes secretos das vésperas, de assassiná-los, assim como aos próprios agentes secretos, prática que parece comum não apenas nas organizações de tráfico de drogas, mas a todas as organizações e serviços secretos do planeta. Leonardo Padura em *O homem que amava os cachorros*<sup>1</sup> conta que o assassino de León Trotsky (Ramon Mercader), ao sair da prisão no México vai ser condecorado como herói na ex-URSS e recebe um relógio de presente contaminado com algum veneno e só se salva porque lembrou à tempo da prática de seus colegas, três décadas antes, quando assassinaram todos aqueles soldados da III Internacional que foram à Espanha lutar supostamente pelo socialismo. O noticiário da atualidade parece mostrar que os sucessores da KGB continuam usando o mesmo método.

### **Para que serve a história: o mundo das novas gerações**

Se, como diria Marc Bloch, a historiografia serve para o autoconsumo das sociedades que a produzem<sup>2</sup>, deve servir ainda mais às gerações que sucedem aos acontecimentos históricos que descreve e tenta explicar. Nestes termos, o que pensar da juventude russa hoje? O que será que ela mesma pensa sobre a ideia do socialismo? Como os 100 anos da Revolução de 1917 sobrevive na cabeça da juventude? E o que produziu mais de 70 anos denominado de “Socialismo Real” na URSS? Há um ditado que diz que “aquele que não conhece seu passado está condenado a não ter futuro”. Será que a China oferece um panorama mais engrandecedor? Precisamos explicar o porquê de tudo haver se desmanchado no ar, quando parecia tão sólido na URSS? Mas como foi possível a um homem tão ambicioso e ardiloso construir e concentrar tanto poder em suas mãos? Como foi

---

1 PADURA, Leonardo. *O homem que amava os cachorros*. São Paulo, Boitempo, 2013.

2 Op. cit.



possível ao Partido da Revolução tornar-se o Partido Único, um Partido-Estado e germinar uma gigantesca burocracia? Uma coisa é certa: **não é possível responsabilizar apenas Stálin!**

Enfim, estamos diante de muitas de questões fundamentais à quais ainda não conseguimos responder totalmente, mas que permanecerão sem que se possa calá-las. É neste momento que **a necessidade de pesquisa entra em contradição com as necessidades de partidos e militantes**. A militância precisa de certezas e de espalhar certezas! **A ciência tem que duvidar permanentemente, perquirir, e negar quando for preciso negar**. A ignorância histórica dos jovens russos não é responsabilidade deles apenas, nem sobretudo! Ela está envolta em muita confusão de ideias e numa predominância pelo desinteresse sobre a política em cima da qual pesam toneladas de decepções trazidas pelas gerações anteriores. Eis porque a história e as ciências sociais são da maior importância e aqui fica claro que sem ela é difícil construir uma verdadeira identidade de nação, uma verdadeira identidade cultural e política. Não será de forma piegas, nem escondendo ou deformando a história real em função de interesses políticos e partidos que se poderá enfrentar esta realidade e explicá-la para as novas gerações que, não obstante, aqui e ali, esboçam respostas para os problemas trazidos por aquele passado.

Dentre as respostas dada a um jovem cineasta brasileiro na Rússia que queria saber o que ficou daquele passado e de como ele era visto pelas novas gerações, talvez a mais interessante sobre o balanço que se podia fazer da Revolução de 1917 foi a de uma jovem russa que disse que "não devemos apenas ajudar aos pobres. **Devemos acabar com a pobreza no mundo**". De algum modo se acha implícito nesta resposta a ideia de que a população pobre, quer dizer, os trabalhadores precisam aprender a se autogovernar, caso contrário, não haverá emancipação alguma. Nela se acha subsumida ainda a questão a saber, se é possível a um tal projeto social adquirir vida real na sociedade neoliberal hodierna? No vídeo do referido jovem cineasta brasileiro, esta ideia aparece de forma tortuosa e pouco arrumada, e termina encontrando outra que fala que o capitalismo também não conseguiu acabar com a pobreza, a fome e que este permanece um ideal socialista. No filme Lenin aparece morto, embalsamado no Mausoléu, como uma esfinge. Pouca gente visita seu mausoléu, mas finalmente aparece alguém que entrega flores a um guarda da polícia de Putin para homenagear ao líder bolchevique. Que pensamentos recobriria a cabeça daquele que entrega flores para Lenin e enfrenta o fato de que, o homem forte da KGB por mais de uma década,



permanece na presidência da república por mais um mandato em um governo que é muito mais uma monarquia travestida e legalizada pelas eleições parlamentares? Os *apparatchiks* de ontem – que se diziam socialistas, não tiveram nenhum problema em se metamorfosear em novos capitalistas oligárquicos-financeiros, nem em “novos” integrantes da chamada atual “classe política”. O vídeo nos mostra ainda, velhos comunistas franceses cantando o Hino da Internacional em francês! Esta cena parece quase surrealista, totalmente saudosista, deslocada do tempo e do espaço, particularmente pela forma ufanista com a qual entoam o canto. Parece, pela forma, uma ideia fora de lugar e o é.

Celebração, não é bem o que se precisa agora. O que é preciso saber são as razões que fizeram a história da URSS e do capitalismo de tal forma e não de outra. Como diria o historiador russo Kiva Maidanik, “é preciso dessacralizar a Revolução russa que conhecemos”. Do mesmo modo, a menos que queiramos fazer como fazem as avestruzes quando estão diante de algum perigo iminente, não é mais possível acreditar no prognóstico Fukuyama de que o horizonte da humanidade é a superação dos conflitos graves sob o modo capitalista de produção e de distribuição. Como bem observou o filósofo Denis Collin,

Em resumo, nós não temos menos razão que Marx, porém mais razão que ele de pensar que o modo de produção capitalista se acha historicamente condenado. Ao que cederia ele seu lugar? O pior ainda é possível. Entretanto, precisamente como Marx, nós precisamos lembrar que são os homens mesmos que fazem a história<sup>1</sup>.

Como homem de seu tempo Marx não pode ser responsabilizado, nem pelas tragédias das Revoluções Russas, nem pelos equívocos de interpretação da história contemporânea. A rigor, os partidos socialdemocratas, mas também os comunistas, tiveram ao longo do século XX e do atual, muito mais o papel de amenizadores das contradições do sistema capitalista mundial, que propriamente o papel de seus “coveiros”. Na verdade, têm sido os capitalistas mesmos que, obedecendo às suas obsessões, às suas compulsões insaciáveis, levaram as contradições iminentes desse organismo mundial aos seus limites. O sistema destrói as potencialidades produtivas do trabalho, destrói os limites impostos pela natureza à sua exploração pelo homem, mas destrói também os outros capitalistas e coloca a população mundial em seu conjunto de frente com a barbárie. Hoje no mundo existem algo em torno a 80 milhões de jovens desempregados. Sob as odes da “revolução” neoliberal, sob a dominação oligárquico-financeira, as contradições do sistema já detectadas no século XIX, só fizeram se aprofundar sob o impulso imanente de uma

---

1 COLLIN, Denis. *L'introduction à la pensée de Marx*. Paris, Seuil, 2018, p. 239.



concorrência intercapitalista que não encontra limites. Não há, pois, possibilidade alguma de a partir da lógica de produção de valor, humaniza-lo. O capitalismo por sua lógica imanente obedece a uma pulsão de morte. As chances de seus dirigentes no seu conjunto aceitarem esta constatação é quase nula. Quando Bill Gates diz que quer pagar mais impostos e que promove associações filantrópicas para pobres, ele não está preocupado com o fim da pobreza. Ele quer salvar alguns para se fazer uma boa consciência.

Por conseguinte, é a partir da consciência social da maioria da população do planeta que é possível encontrar uma saída para a humanidade que se encontra em uma encruzilhada. Através das ciências sociais e da história é possível apreender seus contornos atuais e a gênese dos processos atuais. Felizmente, a capacidade de determinação das relações sociais e das bases materiais deste mundo não é nem automática, nem absoluta. Nem tudo pode ser explicado pela produção do valor. Nem tudo, ao longo dessa história, foi modelado pelas leis da reprodução do capital. Resta, pois, assim, uma brecha para a esperança de um mundo organizado conscientemente em relação ao qual a sua ciência dessacralizada pode contribuir. O marxismo como ideologia não tem a capacidade de explicar as tragédias de 1917 porque ele se alimentou delas.

O conhecimento de 1917 precisa ser dessacralizado. Só uma ciência laica, dessacralizada, interessada no conhecimento verdadeiro dos processos sociais reais poderá contribuir para ajudar a retirar o homem social do atoleiro no qual o mundo da mercadoria o enterrou. De nada servirá cantar aleluia às ideologias e aos mitos que nasceram com as burocracias no início do século XX.